

As redes sociais como espaço democrático de produção do conhecimento

Beatriz Campestrini¹

doi.org/10.47585/9786584591110.1

Educação e a era digital

A informação e o conhecimento nunca foram tão democráticos e de fácil acesso desde que o alemão Johannes Gutenberg inventou a prensa de tipos móveis por volta de 1450 e descentralizou o conhecimento que antes pertencia apenas a poucos privilegiados que detinham o poder na época - a nobreza, principalmente, o clero.

Fazendo uma breve comparação entre este excepcional advento de Gutenberg, considerado a porta para o moderno mundo da difusão de conhecimento, com o avanço contínuo da tecnologia e, conseqüentemente, das redes sociais, novamente estamos passando por uma fase transformadora da humanidade, na qual o modo de viver e de pensar da sociedade está em constante adaptação e mudança.

A internet pode ser encarada do mesmo modo que a revolução da prensa, mas hoje não estamos lidando apenas com 300 cópias de uma folha por dia, como eram produzidas pelo mecanismo de Gutenberg, e sim com uma diversidade de informações nunca vista na história, resultando em uma angústia coletiva por não conseguir acompanhar o volume de informações que recebemos diariamente.

A partir dessa transformação na sociedade, os debates sobre o papel da tecnologia no processo de ensino-aprendizagem tornam-se mais urgentes. De acordo com os autores Briggs e Burke

¹ Pós-graduada em Gestão da Comunicação em Mídias Digitais pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). Professora do curso de Publicidade e Propaganda no Centro Universitário da Região da Campanha (Urcamp) | E-mail: biacampestrini@gmail.com

(*apud* ONGARO, 2018, p. 43), o educador inglês Samuel Hartlib (1600-1662) escreveu, em 1641, que a “a arte da impressão disseminará tanto conhecimento que as pessoas comuns, sabedoras de seus direitos e liberdades, não serão governadas de forma opressora.” Hartlib era um apoiador de diversas iniciativas de reformas sociais e culturais na Europa.

Com o mesmo olhar visionário, em meados da década de 60, o teórico da comunicação canadense Marshall McLuhan já defendia a ideia que o mundo seria uma *Aldeia Global* sem fronteiras, ou seja, todas as pessoas poderiam se comunicar livremente com todos os povos.

Observador desse novo cenário que se desenhava, McLuhan (1964) criou conceitos como ‘os meios de comunicação são extensões do homem’. Para o estudioso canadense, assim como um simples equipamento manual é a extensão das mãos do homem, os meios de comunicação de massa são extensões do sentido do ser humano. (ONGARO, 2018, p. 67).

Na época, McLuhan foi desacreditado por parte da comunidade acadêmica, mas, a partir da década de 90, as novas tecnologias e formas de comunicar indiscutivelmente se tornaram uma realidade, mostrando que a visão do teórico estava correta e não se tratava apenas de um devaneio.

A popularização dos computadores e o acesso à rede mundial a partir dos anos 90 criaram outro marco na história da comunicação, originando uma forma única de disponibilizar conteúdos acompanhada pela instantaneidade da informação.

A humanidade nunca antes dispôs de tantas ferramentas midiáticas em um só equipamento, facilitando o acesso a diversas plataformas e incorporando-as na sociedade, seja na forma de agir, pensar ou ser.

Por conseguinte, as transformações advindas da tecnologia também pressionam uma nova configuração da educação, ressignificando o conceito de ensino e oportunizando reflexões a respeito da prática pedagógica, na qual novas possibilidades podem ser oferecidas aos alunos.

Pierre Lévy, mesmo há mais de 20 anos, já defendia que o grande potencial da internet deveria ser utilizado na sua capacidade para colaboração em rede. O autor, que é um dos mais importantes defensores do uso da internet para a ampliação e a democratização do conhecimento, acredita que o conhecimento de alguém vale sempre para outra pessoa, e assim, constrói-se uma rede compartilhada por todos.

Em seu livro *Cibercultura*, publicado pela primeira vez em 1999, Lévy aponta que as tecnologias não vieram para determinar e sim condicionar, isto é, dar condições para que determinado discurso circule de uma forma mais rápida e dinâmica. Desse modo, a internet não seria determinante de uma mudança social e educacional, mas sim condicionante, ou seja, a educação se transformaria simultaneamente com outros aspectos da sociedade e a internet usaria a sua capacidade para disseminar de forma mais rápida e dinâmica. Outro ponto significativo na obra é o fato do autor elencar muitos desafios que ainda se impõem aos contemporâneos processos de aprendizagem.

Não se trata aqui de usar as tecnologias a qualquer custo, mas sim de acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização que questiona profundamente as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais tradicionais e sobretudo os papéis de professor e de aluno. (LÉVY, 2010, p. 174).

No final do século XX, os smartphones revolucionaram o universo da fotografia. Numa fração de segundos, podemos verificar o material produzido, seja ele uma fotografia ou um vídeo e, num simples toque, repetir, editar, compartilhar ou excluir.

Essa evolução tecnológica dos dispositivos móveis trouxe facilidade para os produtores audiovisuais independentes, ou seja, uma oportunidade para o educador se tornar um influenciador de nicho educacional utilizando a linguagem dos jovens nas redes sociais a partir de produções de baixo custo e poucos recursos.

Para criar e produzir um vídeo de qualidade não há mais a necessidade de adquirir ou alugar câmeras, acessórios ou ilha de edição profissionais. Tudo pode ser feito apenas utilizando um smartphone e poucos acessórios para celulares, além de um computador pessoal de mesa ou notebook para finalizar e publicar o material. (MOLETTA, 2019, p. 61).

A internet implicou em novas formas de expressão, libertando artistas que antes não teriam acesso a grandes veículos de massa com facilidade e hoje conseguem emplacar um conteúdo original, trazendo novos olhares para assuntos que antes poderiam ser considerados monótonos. Hoje, o receptor da mensagem está mais ativo, crítico e participativo, provando que a comunicação está cada vez mais distante da obsoleta teoria hipodérmica, na qual acreditava-se que a mídia era capaz de moldar a opinião pública, inclinando as massas para determinado ponto de vista desejado. A teoria da bala mágica, como também era conhecida a referida teoria hipodérmica, mostrou-se ineficiente, mas abriu caminhos para novas pesquisas sobre o assunto.

É a partir da sua realidade econômica, cultural e social que cada pessoa expõe o seu ponto de vista, o que não seria diferente com os jovens estudantes. Precisamos ter em mente que as tecnologias e os meios de comunicação concorrem diretamente com a escola, família e religião no processo de transmissão do conhecimento. Uma espécie de virtualização do saber.

De acordo com Ongaro (2018, p. 148), “a realidade educacional brasileira é bem diversa e a escola continua a ser uma instituição que, na maioria dos casos, não acompanha as mudanças sociais e culturais pelas quais vem passando a humanidade”.

A autora defende, ainda, uma educação que utilize conceitos relacionados ao dia a dia do estudante, já que não haveria sentido estudar determinado conteúdo de maneira desvinculada com a realidade, além de apontar que hoje o aluno “anseia pelo novo, pelo instantâneo, pelo inusitado” (ONGARO, 2018, p. 150).

Então como deixar esse conteúdo atrativo? Existe alguma fórmula para driblar a desmotivação, a dificuldade de aprendizagem e o desinteresse dos jovens a respeito de determinados assuntos?

Inseridos no mundo cibercultural, os educadores podem se tornar verdadeiros influencers, termo vastamente utilizado principalmente na última década, onde pessoas dos mais diversos nichos tornam-se verdadeiros portadores de ideais e formadores de opinião, apoderando-se da potencialidade da era digital para interagir, inovar e principalmente transmitir conhecimento antes centrado somente nas escolas. Lévy (2018) defende que hoje a principal função do professor é incentivar a aprendizagem e o pensamento, distanciando-se de ser apenas um difusor dos conhecimentos.

Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor torna-se um *animador da inteligência coletiva* dos grupos que estão a seu encargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca dos saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem etc. (LÉVY, 2010, p. 173, grifo do autor).

A era da conectividade possibilitou o surgimento de um diferente tipo de influência. Se antes este poder estava fora do alcance da maioria, hoje é conduzido por cidadãos comuns, verdadeiramente integrados na comunidade em que estão inseridos.

Nessa era tecnológica, o aluno muitas vezes não enxerga o significado em determinados conceitos e mecanismos de aprendizagem que a escola tradicional insiste em sustentar. Refletir sobre a mídia, mais especificamente a internet, pela perspectiva educacional é reconhecer a atuação dos meios como agentes do conhecimento. Por sua presença no cotidiano, as redes sociais online tornaram-se responsáveis pela construção do conhecimento e consequentemente impulsionando a reinvenção do ensino.

Por essa perspectiva, Ongaro (2018, p. 163), ainda defende que “se aliada ao vínculo do aluno com a sua comunidade e seu entorno sociocultural, a tecnologia proporciona a emancipação social, estimulando a transmissão e a construção do conhecimento”, visto que não podemos preterir a disparidade educacional entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos.

O uso das redes sociais online como ferramenta de impulso na educação de jovens

O perfil do jovem se transformou com o advento das tecnologias. Estes nativos digitais possuem um prisma favorável sobre as oportunidades que a ferramenta pode proporcionar para a superação de problemas individuais e comunitários, propiciando também uma mutação simbólica da sua realidade offline e visão de mundo. Eles estão habituados desde a primeira infância a adquirir informação de modo rápido e instantâneo em uma vida conectada 24 horas por dia.

As redes sociais online estão entre os meios de comunicação mais populares da atualidade e, apesar de serem consideradas por muitos como uma das maiores distrações dos alunos, devemos analisar a sua eficácia enquanto instrumento para incentivo intelectual. Essas mídias oferecem diversas oportunidades de aprendizado aos estudantes, visto que as redes exercem uma influência significativa na vida de seus usuários.

As redes sociais online podem ser percebidas como espaço social favorável ao compartilhamento de informação e conhecimento, e podem também se configurar como espaços de ensino-aprendizagem, colaborando com a inovação pedagógica. Isso ocorre porque as redes sociais permitem aos usuários o acesso, a participação e a interação contínua das personagens na construção coletiva de novos saberes. A aprendizagem acontece no momento em que os usuários dos grupos se propõem a trocar e compartilhar informações a respeito de um assunto para realizar uma determinada finalidade discursiva que resulta em novos olhares e novas posturas. (ZENHA, 2017, p. 39).

Duas redes sociais se destacam entre os jovens: o TikTok e o Instagram, redes rivais que disputam a atenção e a influência cada vez mais dominante sobre este público.

O TikTok é um aplicativo de mídia focado em criar e compartilhar vídeos curtos com duração entre 15 segundos a 3 minutos disponível para celulares Android e Iphone (IOS). De acordo com o relatório *State of Mobile 2022*, produzido pela App Annie², o TikTok liderou por dois anos consecutivos (2020 e 2021) a lista de aplicativos mais baixados nas lojas virtuais do Google e Apple.

Enquanto isso, o Instagram, seu principal concorrente, configurava em 5º lugar no ano de 2020, subindo para a 2ª posição no mesmo relatório no ano seguinte, em 2021, e desde então investe em novas estratégias para garantir a sua capacidade de concorrência no mercado.

O Instagram, inicialmente consagrado por ser um aplicativo para compartilhamento de fotos, tem passado por grandes mudanças, adotando interface e ferramentas semelhantes ao TikTok. Essa transição pronuncia a nova forma de produzir e consumir conteúdo, reforçando o impacto e a influência dos vídeos curtos entre os usuários.

Em relação ao público de ambos os aplicativos, a maior parte dos usuários são jovens. De acordo com uma pesquisa realizada pela empresa de consultoria Opinion Box³, 84% do público entrevistado com idade entre 16 a 29 anos indicou o Instagram como uma das redes mais utilizadas no seu cotidiano, da mesma maneira que 66% dos usuários do TikTok possuem menos de 30 anos, segundo dados da própria plataforma.

Apesar das excessivas informações simultâneas disponíveis para os usuários nestas respectivas redes sociais, é possível utilizar deste meio de comunicação como ferramenta para impulsionar o interesse dos jovens por assuntos relevantes para a sociedade, como história, política, economia, educação, entre outros com idêntica importância.

A partir deste cenário, os educadores podem adotar essas novas ferramentas como utensílio para uma aprendizagem mais dinâmica, interativa e significativa, no qual o pensamento crítico ganha voz, rompendo a habitual 'decoreba'.

A educação vai além do tradicional ensino-aprendizagem e o mundo das mídias sociais é um excelente dispositivo propulsor para desenvolver diversas habilidades nos estudantes como a capacidade crítica e a resolução de problemas.

Já é possível observar alguns professores e especialistas em determinados assuntos explorando esta nova forma de se construir conhecimento. Considerando o crescimento do número de seguidores e o engajamento do público por meio de comentários, menções e compartilhamentos, o emissor da mensagem torna-se um verdadeiro influencer digital⁴ com uma carga de entendimento sobre a temática explorada - ao mesmo tempo que diminui o espaço para disseminadores de *fake news*⁵ e pseudoespecialistas com as suas teorias insustentáveis.

Outro ponto a ser destacado é a linguagem apropriada utilizada e o apoderamento

2 Consultoria especializada em estimativas a respeito do mercado de dispositivos móveis.

3 Empresa especializada em soluções digitais de pesquisa de mercado e *customer experience*.

4 Alguém capaz de influenciar pessoas através da sua produção de conteúdo nas redes sociais.

5 Notícias falsas publicadas como se fossem informações verdadeiras.

de virais para atrair a atenção dos jovens usuários do TikTok e do Instagram. Este tipo de humanização de conteúdo fascina os usuários, criando laços entre o emissor e receptor da mensagem, além de criar uma verdadeira comunidade digital com trocas genuínas entre diferentes pessoas que interagem e colaboram entre si.

Como consequência, o interessado em transmitir a mensagem é capaz de propor o seu conteúdo de maneira interativa, agregando um teor de leveza, mas sem perder o grau de seriedade do assunto articulando-se à nova perspectiva de educação que contempla a democratização do acesso à informação e as novas formas de ensino-aprendizagem.

Considerações finais

Antes visto como a principal fonte de transmissão de conhecimento, o educador, e por conseguinte a escola, precisa estar cada vez mais preparado para romper o tradicional modelo de ensino, mas também precisa estar atento para que essas inovações tecnológicas não sejam fonte de exclusão.

Embora seja inegável a contribuição dos computadores e do acesso à rede para a história da humanidade - tendo em vista benefícios como conexão com o mundo, troca de informações e possibilidade de expor ideias -, esse ainda é um meio excludente. É preciso, por exemplo, ter o aparelho (computador, telefone celular, tablet) para acessar a rede; é preciso conhecer a linguagem virtual; e não se pode acessar a rede mundial sem uma conexão de internet. Portanto, é necessário conhecimento e dinheiro. Isso acaba dificultando o acesso aos inúmeros benefícios trazidos pelas novas tecnologias. (ONGARO, 2018, p. 69).

De encontro a essa ideia, Pierre Lévy defende que “não são os pobres que se opõem à Internet - são aqueles cujas posições de poder, os privilégios e os monopólios encontram-se ameaçados pela emergência dessa nova configuração de comunicação” (2010, p.13), visto que a comunicação também possui papel fundamental para promover o pensamento crítico, encargo necessário para enfrentar notícias falsas, em que analisamos tudo aquilo que lemos, escutamos ou vemos previamente antes de declarar tais fatos como verdadeiros.

Quando questionado se a cibercultura seria uma fonte de exclusão, o autor (2010, p. 244) defende que:

Estima-se frequentemente que o desenvolvimento da cibercultura poderia ser um fator suplementar de desigualdade e de exclusão, tanto entre as classes de uma sociedade como entre nações de países ricos e pobres. Esse risco é real. O acesso ao ciberespaço exige infraestruturas de comunicação e de cálculo (computadores) de custo alto para as regiões em desenvolvimento. Além disso, a apropriação das competências necessárias para montagem e manutenção de centros servidores representa um investimento considerável. Vamos supor, contudo, que os pontos de entrada na rede, bem como os equipamentos indispensáveis para a consulta, a produção e o armazenamento da informação digital estejam disponíveis. É preciso ainda superar os obstáculos “humanos”. Em primeiro lugar há os freios institucionais, políticos e culturais para formas de comunicação comunitárias, transversais e interativas. Há, em seguida, os sentimentos de incompetência e de desqualificação frente às novas tecnologias. (LÉVY, 2010, p. 244).

As inovações tecnológicas e a proliferação de conhecimentos por meio das redes sociais acabam por questionar os tradicionais modelos de ensino, evidenciando a transmissão dos saberes, mas ao mesmo tempo, precisamos praticar o exercício de compreensão desse mencionado fator excludente, visto que vivemos em um país com uma enorme diversidade econômica e social.

Fica o desafio para os educadores utilizarem este instrumento como vetor de conhecimento e potencial mudança na pedagogia tradicional, apesar de também ser fonte de conflitos internos.

Referências

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3 ed. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: 34, 2010.

MOLETTA, Alex. **Você na tela**: criação audiovisual para a internet. São Paulo: Summus, 2018.

ONGARO, Viviane. **Análise crítica das mídias e suas narrativas**. Curitiba: Intersaberes, 2018.

ZENHA, Luciana. Redes sociais online: o que são as redes sociais e como se organizam? **Caderno de Educação**, Minas Gerais, v. 1, n. 49, p. 19-42, 2017/2018. Disponível em: <<https://revista.uemg.br/index.php/cadernodeeducacao/article/view/2809/1541>>. Acesso em: 24 maio 2022.

